

Fala do trono em meio-tom

No segundo discurso de posse em duas semanas, antes da solenidade de transmissão do cargo e da faixa para ele mesmo, o bipresidente Fernando Henrique Cardoso adotou o meio-tom.

Passou a limpo os compromissos de campanha de mistura com justificativas dissimuladas sobre os erros e as omissões do mandato expirante, em condensado que reafirma intenções e aponta a direção dos próximos passos. Nem o clima efusivo de festança nem a cinzenta atmosfera depressiva de velório. Até porque não havia razão. O presidente emplacou vitória incontestável, inaugurando um buquê de novidades: o primeiro a ser reeleito, ambas no primeiro turno; estreou o privilégio, de ética discutível, de recandidatar-se sem licenciar-se do cargo e emplacou a proeza de manter altos índices de popularidade na gangorra de bons e maus tempos do fracasso do neoliberalismo globalizado, que grassa pelo mundo como praga.

Artes de marqueteiros. Tudo foi cuidadosamente montado. Cenário de fundo idílico, vazando para o verde dos jardins do Palácio do Planalto. Platéia composta por jornalistas mudos, convidados para ouvir.

Presidente de fisionomia séria, sem vivacidade nem alegria. A hesitação modelou os gestos e pautou o formato do pronunciamento, soprando alívios e mostrando os dentes nas advertências de cortes e apertos. Abandonou o discurso escrito — calhamaço consultado de soslaio, como roteiro para avivar a memória —, e improvisou sem a fluência do expositor de badalada experiência acadêmica.

Mas, atingiu seus objetivos. Como sempre, usou a tática da ofensiva. Abriu o debate, convocou a oposição para o entendimento nacional e adiantou intenções. Ratificou compromissos sem abrir as propostas. Algumas, como o plano de ajuste fiscal, com prazo até o dia 20 para a apresentação da lista de maldades encomendada à equipe econômica. E que serão anunciadas depois do segundo turno. Entende-se.

Novidade única a determinação de criar o Ministério da Produção, saudada em prosa e verso pelas lideranças das classes produtoras.

No mais, o sabido, como o aumento de impostos, a começar pelo fajutíssimo imposto dos cheques, tunga provisória promovida a permanente. E a lista dos adiados, como as reformas da Previdência, a administrativa, a tributária, a política — papelório esquecido nos escaninhos do Congresso e que volta à pauta da aflição.

O presidente ganhou tempo para fechar acordos lá fora e revisar projetos que envelheceram nas prateleiras do descaso. A campanha do segundo turno tem tudo para resgatar a emoção que faltou no primeiro. Doze brigas pelo governo de estados como São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal, garantem combustível para a fornalha de duas semanas ferventes de horário eleitoral.

Até lá, antes que caduque, convém enterrar o entulho das muitas bobagens, repetidas no esperneio das derrotas, contra as pesquisas eleitorais. Inacreditável que políticos calejados, jornalistas, palpiteiros falem sobre o que não têm a menor informação. Pesquisas acertam e erram. Cometeram erro indisculpável na eleição para governador de Brasília. Os 43% de Roriz murcharam para 39%: e os 39% da somática avaliação de boca-de-urna de Cristovam Buarque engordaram para 42%. O resultado oficial é o avesso. Salvaram-se os acertos na indicação dos classificados para o segundo turno.

Nas críticas aos índices da eleição presidencial os desatentos revelam total desconhecimento sobre a diferença entre os critérios de avaliação nas pesquisas do período da campanha e as de boca-de-urna. Na série da campanha apura-se os percentuais de indecisos, votos brancos e nulos. O que diminui o universo pesquisado das inclinações de voto. No caso, reduz-se a 83% o campo das inclinações apuradas. Na pesquisa de boca-de-urna, como é racional, trabalha-se com os votos válidos, desprezando-se os brancos e nulos. Portanto, os índices do prognóstico de boca-de-urna registram percentuais dos 100% de votos válidos. E feitas as correções e os descontos das margens de erro, em São Paulo como nos demais estados, nove fora o Distrito Federal, a margem de acerto é altíssima.

Xingar pesquisa pode aliviar o sufoco da derrota. Tolice desconsiderar uma técnica de aferição de tendências da sociedade usada e consagrada em todo o mundo.